

Colecção Pulsar – Nova Série

A colecção Pulsar, dirigida pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, divulga textos relevantes em torno da literatura e de outras artes. Estes pequenos livros, que se podem ler numa viagem de comboio ou a uma mesa de café, pretendem emitir um sinal luminoso, sentidos de um pensamento, fulgurações de palavras. Como os enigmáticos e distantes pulsares.

Direcção e coordenação científicas de Ana Luísa Amaral, Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo.

SERPIL
OPPERMANN

NOVA SÉRIE

02 PULSAR

INTRODUÇÃO
E TRADUÇÃO
JOSÉ
EDUARDO
REIS

**TEORIZANDO
A ECOCRÍTICA:**
PARA UMA PRÁTICA
ECOCRÍTICA PÓS-MODERNA

Título original: Theorizing Ecocriticism:
Toward a Postmodern Ecocritical Practice

Título: Teorizando a ecocrítica:
Para uma prática ecocrítica pós-moderna

Autor: Serpil Oppermann

Edição: Instituto de Literatura Comparada Margarida
Losa (FLUP) e Edições Afrontamento

Tradução: José Eduardo Reis

Conceção gráfica: Edições Afrontamento, Lda.

Imagem da capa: Maria João Castro

N.º edição: 1987

Coleção: Pulsar | Nova Série – 02

ISBN: 978-972-36-1786-3

Depósito legal: 464858/19

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda.
– Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e
Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

© Autor, Edições Afrontamento e Instituto de Literatura
Comparada Margarida Losa (FLUP)

Rua de Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt
comercial@edicoesafrontamento.pt

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)
www.ilcml.com


2.ª Edição

Esta publicação foi desenvolvida e financiada por Fundos Nacionais
através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia –, no âmbito
do Programa Estratégico «UID/ELT/00500/2019».



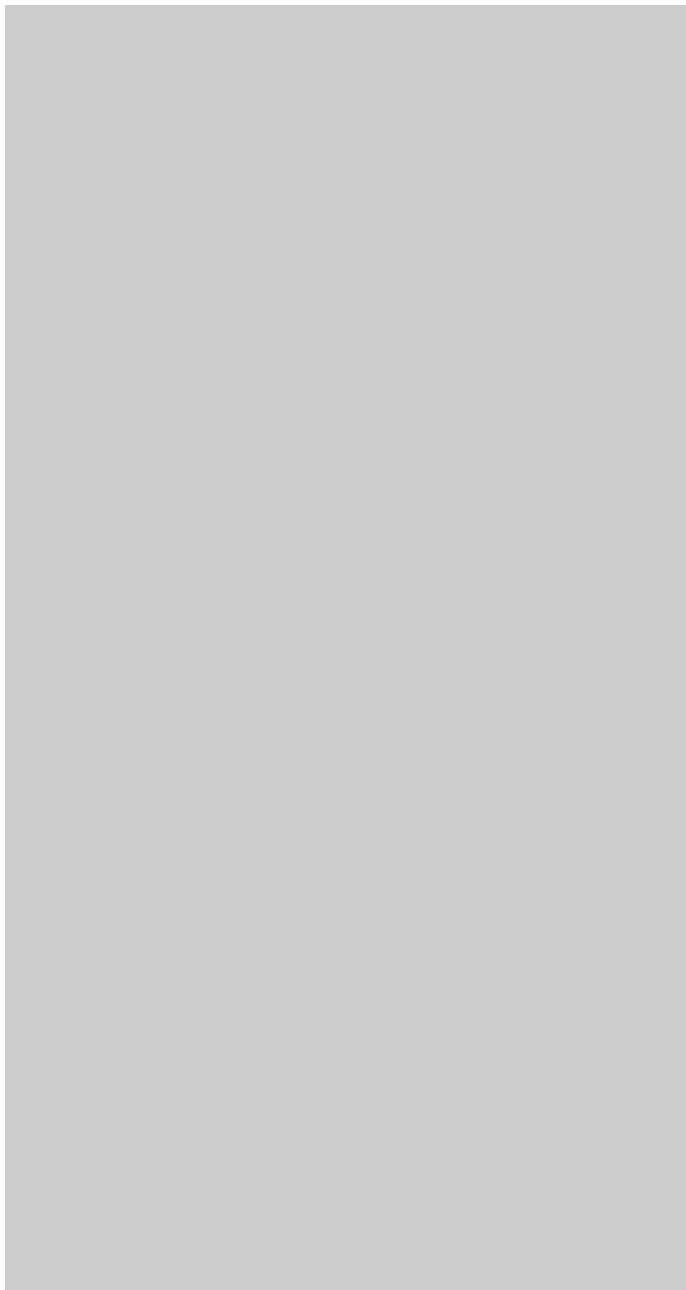
ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
entusiasmo e ciência, inovação e futuro próximo

 Edições
Afrontamento

ÍNDICE

	7
INTRODUÇÃO	
	15
TEORIZANDO A ECOCRÍTICA: PARA UMA PRÁTICA ECOCRÍTICA PÓS-MODERNA	
	21
I. O DEBATE SOBRE A ECOCRÍTICA	
	39
II. O DEBATE PÓS-MODERNO	
	51
III. A ABORDAGEM ECOCÊNTRICA PÓS-MODERNA	
	71
BIBLIOGRAFIA	



INTRODUÇÃO

1. No âmbito de uma breve reflexão sobre as relações entre o campo de conhecimento literário e políticas de futuro, o estudo da literatura na perspectiva da sua articulação com o meio ambiente encontra a sua plena justificação na avaliação política da actual crise global ecológica e da sua real ou imaginária deterioração futura.

2. Atendendo à contemporânea determinação cultural e política da teorização do sistema literário, não exclusivamente orientada para a análise sistemática dos seus códigos, normas e convenções, antes configurada por diferentes contributos de outras áreas do conhecimento das humanidades e das ciências sociais, é de salientar, como tentativa dos estudos literários darem resposta àquela crise, a emergência na década de 90 da designada ecocrítica – termo que parece reunir na academia portuguesa consenso relativamente a outros termos oriundos do universo académico anglo-saxónico, *ecopoetics*, *environmental criticism*, *green cultural studies*.

3. À semelhança de outros tópicos literários de relevância política e cultural, como os da 'raça', 'classe' e do 'gênero', o estudo literário do meio ambiente, procurando refletir e responder teórica e metodologicamente ao candente problema da pressão humana sobre as condições físicas de sustentabilidade da vida na terra, começou a adquirir consistência teórica entre as segundas metades dos anos 80 e 90 e a autonomizar-se como um subdomínio dos estudos literários no seio dos departamentos de Inglês e de Humanidades de algumas universidades norte-americanas no início do nosso século.

4. Em concreto, na origem da modelação paradigmática da ecocrítica convergem, por um lado, a tradição norte-americana de escrita não-ficcional das representações da *wilderness* (território ermo), e, por outro, as leituras revisionistas do romantismo inglês.

5. Tomando como objeto geral de estudo as interconexões entre cultura (os artefactos da língua e da literatura) e natureza (a ecosfera), Cheryll Glotfelty, a primeira editora de um primeiro *Ecocriticism reader*, inventaria um conjunto de questões centradas no estudo literário do meio físico passíveis de serem abordadas pela ecocrítica – e que variam entre o modo como a natureza é representada, por exemplo, num soneto, à análise do discurso científico por estratégias de interpretação dos estudos literários, passando, entre outras pos-

sibilidades epistémicas e hermenêuticas, pela caracterização genológica da escrita sobre a natureza ou pela avaliação do efeito que a crise ambiental contemporânea produz na literatura contemporânea e na cultura popular.

6. A mesma autora recorre ao modelo triádico que Elaine Showalter utilizou na categorização transcurativa da crítica feminista para descrever a evolução da ecocrítica, subsumindo-a três fases: (i) a relativa à análise, na literatura canónica, dos estereótipos, distorções e omissões da representação literária da natureza; (ii) a fase em que a crítica redescobre e reconhece uma tradição, muitas vezes de enfoque biográfico, de escrita sobre a natureza tanto em autores reconhecidos como desconhecidos; (iii) a fase teórica de configuração e de fundamentação epistémica de domínios discretos de reflexão sobre as relações entre natureza e cultura, como os da «Deep Ecology» (movimento fundado pelo filósofo norueguês Arne Naess), do ecofeminismo e da poética ecológica (Glotfelty, xxii-xiv).

7. Se, como estratégia interpretativa, a ecocrítica «tem um pé na literatura e outro no solo», se, como discurso teórico, «negoceia entre o humano e o não humano» (Glotfelty, xix), compreende-se que ela possa ser genericamente caracterizada – na designação alternativa ou equivalente proposta por Timothy Clark em *The Cambridge Introduction to Literature and the Environment* de «crítica ambiental» – como «extra-vagante – do latim que

significa vaguear para lá das fronteiras» (Clark, 2011:4).

8. Em muitos sentidos, a prática «extra-vagante» da ecocrítica desestabiliza as convencionais categorizações dualistas natureza/cultura, humano/não humano, eu/outro, etc., alargando o espectro e reconfigurando o campo do estudo literário para além dos limites definidos de disciplinas e abordagens convencionais, herdadas do paradigma humanista do conhecimento.

9. Em correspondência com a evolução da literatura comparada, essa vocação «extra-vagante» e abertura à prática interdisciplinar da ecocrítica predis põem-na a ser utilizada como um inequívoco recurso metodológico da análise literária comparatista.

10. A predisposição comparatista da ecocrítica não deve elidir as dificuldades, tensões, contradições, oposições teóricas das/às suas abordagens, em grande medida derivadas quer da difusa ou equívoca determinação do conceito de «natureza», quer do uso anacrónico, sentimental e inadequado do termo «natural».

11. Uma das principais áreas de estudo da ecocrítica é designada por *nature writing*. Esta «escrita sobre a natureza», elaborada na esteira do ensaio de Thoreau, *Walden*, levanta questões de indefinição genológica que são remissíveis à indeterminação das fronteiras entre o ficcional e o não ficcional.

12. Há a destacar, ainda, nesta breve aproximação a algumas questões problemáticas e possibilidades hermenêuticas demonstrativas do potencial comparatista e da relevância sociocultural e política da ecocrítica a sua relação com as dimensões científica e ética do pensamento ecológico. Neste sentido, refira-se a tese de Hubert Zapf, bastante influente entre os críticos alemães, de atribuir à literatura «um princípio ecológico ou uma força ecológica», desenvolvida no seu livro, publicado em língua alemã, em 2002, e com o título inglês *Literature as Cultural Ecology: On the Cultural Function of Imaginative Texts with Examples from the American Novel*.

13. Há tentativas literárias, ensaísticas e poéticas de transcender o efeito construtivista / culturalista da representação da natureza. Mas, apesar destas experiências, em que a representação da relação humano/não humano ou cultura/natureza surge reordenada pela tentativa de reinventar a medida dessa relação, um dos traços constituintes da teoria que tem definido a prática da ecocrítica é justamente a de produzir leituras, tanto de textos literários como de textos não ficcionais de incidência ambiental, que comportam diferentes avaliações e competitivas concepções culturais da natureza.

14. Revisitando alguns destes tópicos sobre as origens, prática e âmbito da ecocrítica, o ensaio que aqui traduzimos de Serpil Oppermann, *Teorizando a Ecocrítica. Para uma Prática Ecocrítica Pós-*

-Moderna¹ propõe reconfigurar o campo de investigação desta modalidade hermenêutica da literatura que, de acordo com uma orientação epistemológica realista, tende a privilegiar os referentes ambientais em detrimento da sua mediação e recriação linguística.

15. Com o fim de superar as restrições daquela epistemologia aplicada à leitura literária da representação da natureza e distender assim os limites da prática da ecocrítica, Oppermann recorre a certos aspetos da teorização pós-modernista, nomeadamente os que incidem sobre a problemática definição referencial da ideia da natureza.

16. Nesse sentido, a autora divide a sua reflexão em três partes. Na primeira, elabora uma síntese sobre o estado da arte do campo da ecocrítica à época em que foi publicado o ensaio; na segunda, discorre criticamente sobre a problemática noção do pós-moderno associado quer à radical derrogação dos fundamentos realistas e referenciais da representação mimética do mundo, quer às teses da sobredeterminação verbal e do condicionamento social e cultural da construção do conhecimento; na terceira, após mitigar o relativismo teórico e a redução da natureza do mundo à sua mera verba-

1. Theorizing Ecocriticism: Toward a Postmodern Ecocritical Practice. *Interdisciplinary Studies Literary and Environmental* (2006) 13 (2): 103-128 doi:10.1093/isle/13.2.103. Agradeço à Isabel Alves a sugestão da leitura deste texto.

lização e textualização, e após valorizar a crítica ao modo de pensar antropocêntrico, desenvolve, fundamenta e ilustra o argumento da «abordagem ecocêntrica pós-moderna».

17. Essa abordagem – que incorpora a crítica às premissas iniciais das análises textuais ecocríticas tendentes a assimilarem processos físicos a construções verbais e a confundirem o referente material com a sua representação verbal –, articula-se a partir de uma concepção «reconstitutiva» e não-«desconstrutiva» da teoria pós-moderna assente nas ideias de heterogeneidade e de distribuição rizomática, não hierarquizada dos elementos sistémicos, convergente com a diversidade, a interconexão e relação dos princípios ecológicos.

18. Com base na convergência teórica dessa heterogeneidade conceptual do pós-modernismo com a pluralidade relacional do meio ambiente, Serpil Oppermann propõe assim contribuir, com este seu ensaio, para a elaboração de uma teoria ecocrítica suscetível de redefinir as relações entre cultura e natureza e de promover a leitura polissémica e multívoca de textos literários que, de forma explícita ou subtil, representem a ecologia das interações humanas entre si e com as mais diversas formas de vida e fenómenos do mundo material.

José Eduardo Reis

